

DA AUTORA DE ATRAVÉS DA MINHA JANELA

ATRAVÉS DA CHUVA

Ariana Godoy



uma história
wattpad

ATRAVÉS DA CHUVA

Ariana Godoy

Tradução de Karoline Melo



Copyright © 2022 by Ariana Godoy
A autora é representada pelo Wattpad.

TÍTULO ORIGINAL
A través de la lluvia

PREPARAÇÃO
Marcela Ramos

REVISÃO
Luíza Côrtes

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA
Penguin Random House Grupo Editorial / Manuel Esclapez

FOTO DE CAPA
© Stocksy / Sergey Filimonov

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Lázaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G532a

Godoy, Ariana, 1990-
Através da chuva / Ariana Godoy ; tradução Karoline Melo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.
288 p. ; 21 cm. (Os irmãos Hidalgo ; 3)

Tradução de: A través de la lluvia
ISBN 978-65-5560-622-5

1. Romance venezuelano. I. Melo, Karoline. II. Título. III. Série.

23-84555

CDD: 868.99373
CDU: 82-31(87)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Dedico este livro aos meus leitores do Wattpad. Graças a vocês, esta trilogia chegou tão longe e conseguiu conquistar ainda mais leitores. Obrigada, hoje e sempre, por amarem Ares e Raquel, Claudia e Ártemis, e agora também Apolo. Amo vocês com toda a minha alma.

PRÓLOGO

APOLO

Está chovendo.

A chuva me encharca em poucos segundos. A roupa gruda em meu corpo, mas essa é a menor das minhas preocupações.

Está doendo.

Meu corpo dói, principalmente o rosto. Minha cabeça está latejando. Sei que tem sangue escorrendo do meu nariz, descendo por minha boca e se misturando com a chuva que pinga do meu queixo. Meu olho está semicerrado, e, sempre que tento abri-lo, solto um gemido de dor.

Nunca fui uma pessoa violenta, nunca arrumei briga. Então me parece irônico estar nesta situação. No chão de uma rua estreita, escorado na parede, mal conseguindo ficar sentado. Os pequenos cortes no rosto, dos socos e chutes que levei, ardem com a água gelada da chuva, assim como os nós de meus dedos, que quebrei tentando me defender. Faço uma careta de dor.

É meu primeiro dia na faculdade, então quis conhecer um pouco da vida noturna agitada de Raleigh, na Carolina do Norte. Mas deu tudo errado. Quando estava saindo de um bar, fui assaltado e espancado até perder a consciência. Não consigo entender

por que fui atacado dessa maneira, já que entreguei tudo que tinha sem resistir.

Fica acordado, Apolo, lembro a mim mesmo enquanto tento lutar contra o sono.

Chutaram minha cabeça várias vezes, então sei que preciso ser examinado por um médico antes de dormir; foi o que meu irmão, que estuda Medicina há alguns anos, me explicou. Mas é muito difícil.

Minha visão fica turva, e engulo em seco — até um movimento tão simples dói. Sei que preciso me levantar, mas sempre que tento, meu corpo cede e volta a cair. Gritar por socorro é inútil debaixo desta chuva, com o barulho da água caindo com força no asfalto e nas latas de lixo ao meu redor. O frio do outono deixa meu corpo trêmulo e a ponta dos meus dedos dormente.

Vou cochilar por um segundo, um instante até a chuva passar.
Só um segundo...

Meus olhos se fecham e minha cabeça cai para o lado.

Cítrico.

Um perfume cítrico me faz franzir o nariz e me desperta um pouco. Percebo que a chuva não está mais caindo em mim. Abro ligeiramente os olhos, e na minha frente está uma silhueta embaçada nos cobrindo com um guarda-chuva.

— Ei, ei — diz uma garota se abaixando em minha direção.
— Está me ouvindo?

Assinto, sem forças para responder.

— Já chamei uma ambulância, disseram que vão chegar em cinco minutos e que você precisa ficar acordado. — Sua voz é tão suave e tranquilizadora que me dá vontade de cochilar. — Ei!

Ela segura meu rosto machucado, e estremeço com uma pontada de dor. A garota continua:

— Desculpa, mas você não pode dormir.

Minha respiração deixa meus lábios trêmulos entreabertos, se condensando no frio.

— Fri-frio — gaguejo, batendo o queixo.

— Caramba, é óbvio que você está com frio. — Ela hesita, em dúvida. — O que eu faço, hein? Aguenta um pouquinho aí, tá?

Sem forças, estendo a mão para ela. Agarro a bainha de sua blusa e a puxo para mim. Ela grita ao cair de joelhos entre minhas pernas esticadas no asfalto.

Frio.

Ergo a outra mão e envolvo sua cintura, enterrando o rosto em seus seios.

— Opa! Ei!

— Quente... — sussurro.

Estou tremendo agarrado a ela e acabo molhando suas roupas. A garota solta um suspiro e não protesta.

— Tudo bem, só vou deixar porque você está com uma cara péssima e ainda por cima congelando — murmura.

Aproveito o calor dela, seu perfume, essa mistura de um aroma cítrico com o cheiro de sua pele.

— E já vou avisando que não deixo os caras saírem me agarrando no primeiro encontro — continua ela —, então se considere sortudo.

Não sei se ela está brincando, mas só quero ficar aqui. Seu coração está acelerado. Por quê? Será que está com medo?

— Só não dorme, beleza? — diz ela. — Já estou ouvindo as sirenes da ambulância, vai ficar tudo bem.

Também estou ouvindo o veículo da ambulância, e de repente escuto muitos passos. A garota se afasta de mim e pigarreja. O frio me envolve outra vez, e logo várias pessoas com lanternas estão em cima de mim.

Depois disso, tudo fica confuso.

Deitado em uma maca, estendo a mão na direção da garota, que a segura.

— Você vai ficar bem — sussurra, apertando-a com força, antes de soltá-la.

Só consigo ver sua silhueta parada naquela ruela, debaixo do guarda-chuva. Ela me salvou, então tenho certeza de que nunca vou esquecê-la.

Nunca vou me esquecer da garota que conheci através da chuva.

PARTE UM

RAIN

APOLO

Estava com saudade de correr.

Depois do assalto, demorou quatro semanas para eu me recuperar totalmente e o médico me deixar voltar a fazer exercícios. A parte física já está curada, mas a psicológica é uma questão à parte. Ainda tenho pesadelos em que aquele homem me ataca e não para de me bater, e sempre que chove fico com um mau humor terrível.

São seis e meia da manhã quando entro no apartamento e bato a porta. O corredor se estende à minha frente na penumbra, porque ainda não amanheceu. Ao chegar na cozinha espaçosa, acendo a luz. Percebo que Gregory está me espiando pelo corredor, todo descabelado.

— Por que você está acordado? — pergunta ele.

— Saí para correr.

Gregory aperta os olhos para tentar enxergar o relógio do micro-ondas.

— Às seis da manhã?

— Seis e meia.

— Nem meu avô acordava a essa hora para correr.

— Seu avô não corria — retruco, colocando as chaves na ilha da cozinha.

— Pois é.

Abro a geladeira para pegar uma garrafa de água.

— E por que você está acordado? — indago.

— É que...

Uma garota de cabelos castanhos passa por Gregory e entra na cozinha.

— Bom dia! — exclama ela, animada.

O nome dela? Kelly. É a sei-lá-o-que-ela-é do Gregory e dorme aqui com certa frequência. Às vezes agem como um casal comum, mas tem dias que nem se olham direito. Para ser sincero, não entendo qual é a dinâmica desse relacionamento e não sou tão intrometido assim para perguntar. Minha preocupação é ter uma boa convivência com o Gregory, que, embora eu tenha conhecido por causa de meu irmão Ares, se tornou um bom amigo, e agora colega de apartamento.

Está sendo um alívio morar com ele nessas primeiras semanas da faculdade. Tem momentos em que me sinto sozinho, mas Gregory não me deixa com muito tempo livre para ficar deprimido ou com saudades de casa — ele sempre arranja alguma coisa para fazer. Sinto muita falta do vovô, do meu irmão Ártemis, da sua esposa Cláudia e dos meus cachorros. Mas, acima de tudo, o que mais me surpreende é a saudade que sinto da Hera. Nunca achei que minha sobrinha fosse me fazer sentir tanta saudade.

— Apolo? — chama Kelly, se aproximando de mim e balançando a mão na frente do meu rosto. — Está aí?

— Bom dia — respondo, com um sorriso simpático.

Gregory boceja e se junta a nós na cozinha.

— Bem, já que estamos todos acordados... Que tal a gente tomar café da manhã?

Dou um soquinho na mão dele. Gregory é ótimo na cozinha, qualidade que só valorizamos quando saímos da casa dos nossos pais. Eu sou péssimo, de aceitável só consigo fazer sobremesas, mas não dá para viver só de doce.

— O que estão a fim de comer? Um café da manhã estilo europeu? Americano? — pergunta Gregory.

Ele se abaixa para pegar as panelas no armário. Kelly aproveita para ficar atrás dele, agarrá-lo pelos quadris e simular estocadas na sua bunda.

— Para! — sussurra Gregory, virando-se para ela e beijando-a apaixonadamente contra a ilha.

Faço careta e me viro para encarar uma pintura interessante de uma pera pendurada na parede da cozinha. Já deveria ter me acostumado.

Quando termino de comer, decido ir tomar banho, e passo muito mais tempo do que o necessário debaixo da água, com os olhos fechados. Baixo a cabeça, estico os braços e apoio as mãos na parede. A água cai em mim, e é como se na verdade eu não estivesse aqui. Meu corpo está, mas minha mente vaga e atinge um ponto vazio onde não sinto nada. A maior ironia é que sou calouro de Psicologia e logo na primeira semana vivi um evento traumático. Dou um sorriso triste e desligo o chuveiro. Fico parado alguns segundos antes de balançar a cabeça, não só para me livrar da água no cabelo, mas para trazer minha mente para a realidade.

Seco o corpo e vou para meu quarto — o apartamento é imenso, então todos os quartos têm suíte. De repente, lembro que minha cueca está na lavanderia. Saio para buscá-la, com uma toalha enrolada na cintura e outra pendurada no pescoço. Kelly está deitada no sofá da sala, jogando no celular. Quando me vê, baixa o aparelho e ergue a sobrancelha.

— Você esconde isso tudo atrás dessa cara de bom menino?

Faço uma careta ao ouvir a palavra “menino”.

— Quem disse que sou um bom menino?

— Ah, fala sério, dá pra ver de longe — responde ela, se apoiando nos cotovelos para se levantar um pouco. — Diria até que você é virgem.

Dou risada e viro as costas para ir à lavanderia pegar a cueca na secadora. E também para terminar a conversa, porque não sei

se é coisa da minha cabeça, mas Kelly pareceu estar dando em cima de mim. Talvez seja pela forma como olhou para os músculos de meus braços e da barriga... A última coisa que eu quero é arranjar problemas com Gregory. Quando volto, ela está sentada no braço do sofá e olha para mim, sorrindo.

— Te assustei?

Eu me lembro de Ares tentando me explicar o estilo de cantada de algumas pessoas. “Esse tipo de flerte eu chamo de ‘desafiador’: a pessoa confronta você e faz perguntas que sempre vão te levar a demonstrar o contrário, só que essa é justamente a reação que elas querem.” Não consigo acreditar que às vezes as generalizações daquele idiota fazem sentido. Acho que ser um ex-conquistador serviu de experiência, porque esse crédito ele tem: nunca conheci ninguém que partiu tantos corações quanto meu irmão. Mas não sou de tirar conclusões precipitadas, então dou a Kelly o benefício da dúvida e abro um sorriso.

— Não, imagina — digo.

Dou de ombros.

Ela dá outro sorriso, se levanta e para na minha frente. Em seguida, coloca a mão na minha barriga e inclina a cabeça.

— Você tem muito o que aprender, menino bonzinho.

Lá vem com essa de novo. Trinco os dentes, seguro o punho dela e levo sua mão para longe de mim.

— Não sou nenhum menino — respondo, sem perder a calma —, mas pode achar isso, se quiser. Não tenho intenção alguma de provar o contrário.

Solto o punho dela e volto para meu quarto.

Minha aula da manhã é Tutoria, então não é muito cansativa, só nos dão conselhos e orientações para nos guiar no início da universidade. A sala está cheia, e a professora está explicando algo a respeito do refeitório e dos intervalos entre as aulas. Meu caderno está aberto, e minha mão, inquieta, começa a desenhar no papel com a caneta. Só depois de um tempo percebo o que escrevi: *Rain*.

Esse é o nome dela.

Rain Adams é a garota que me salvou naquela noite chuvosa. Estas são as únicas coisas que sei a respeito dela: seu nome e que estuda nesta universidade. Foi tudo o que os médicos me informaram quando acordei no dia seguinte. Pelo que entendi, ela colaborou com a polícia e prestou depoimento sobre o caso. Ainda estão investigando, porque não pareceu um simples assalto — a polícia disse que foi um ataque violento demais, levando em consideração que não reagi.

Mas nunca vi aquela garota. A única coisa que tenho é a lembrança daquela noite fria, de sua voz, sua silhueta e daquele perfume cítrico. Tenho que admitir que quero muito encontrá-la e agradecer, saber como ela é, conhecê-la. Procurei nas redes sociais, mas quando digito *Rain*, o único resultado que encontro são dias chuvosos. Talvez eu esteja pensando demais nela, e talvez Rain nem se lembre de mim.

Sorriso.

Pelo amor de Deus, Apolo, você acabou de começar a faculdade e já está obcecado por uma garota.

Uma voz feminina me tira de meus pensamentos:

— Rain?

Olho para a cadeira ao meu lado e encontro uma garota de óculos e cabelo ondulado. Ela é bonita, e seus olhos castanhos têm um brilho quando ela pergunta:

— Você gosta da chuva?

Na mesma hora entendo o que ela quer dizer: *rain* significa chuva em inglês, o que acho muito irônico dadas as circunstâncias em que conheci Rain. Demoro alguns segundos para respondê-la, porque ninguém falou comigo na aula até agora, e isso me pega de surpresa.

— Na verdade, não mais — declaro.

Ela assente.

— Achei que você faria todo aquele discursinho sobre como adora o barulho da chuva porque te faz relaxar e você fica nostálgico...

Não sei o que responder, então ela dá um sorriso e estende a mão para mim.

— Meu nome é Érica — diz ela —, estou repetindo essa matéria.

Estendo a mão e abro a boca para me apresentar, mas ela continua:

— Muito prazer, Apolo.

— Como você sabe meu nome? — indago.

Érica arqueia a sobrancelha.

— Todo mundo aqui sabe seu nome, Apolo Hidalgo.

— Do que você está falando?

— Você saiu no jornal da universidade nas últimas semanas.

Sinto muito pelo que aconteceu. Você está bem?

A expressão de pena me deixa incomodado.

— Estou — respondo, levantando da cadeira.

Saio da sala às pressas. Vou até o quadro de avisos do corredor e encontro várias notícias sobre mim, com meu rosto e meu nome. Percebo que, sim, estive no jornal da faculdade esse tempo todo. Rain deve ter me visto em algum lugar, então ela sabe onde me encontrar, sabe meu nome, meu curso, mas mesmo assim não me procurou. Fico arrasado ao perceber que talvez a garota não faça questão alguma de se encontrar comigo. Afinal, por que ela faria isso? Rain me salvou, não me deve nada. Passo a mão no rosto e dou meia-volta.

Meu celular vibra no bolso da calça, e vejo as mensagens de Gregory. Seu contato está salvo com o apelido “Barata”.

Festa de inauguração do apartamento!

Nos vemos à noite, cara. E salva meu número com outro nome, senão vou dar um chute na sua bunda.

Bufo e digito uma resposta.

Pode ir sonhando, Barata. Quem você convidou?

Uns amigos do meu curso. Tenho que te apresentar para a sociedade, pode caprichar no figurino.

Acabei de chegar no campus, mas Gregory estuda aqui há um ano, então tem um círculo social e muitos amigos, enquanto eu só tenho ele. Perdi as primeiras semanas de aula me recuperando, então a maioria das pessoas do meu curso já formou seus grupinhos, e, novamente, fiquei de fora. Fazer amigos nunca foi meu forte. Na escola, todo mundo que eu conhecia era por causa dos meus irmãos. Os amigos deles acabaram se tornando os meus, porque eu andava junto. Não é uma reclamação, assim fiz minhas melhores amizades, mas nunca fiz amigos *sozinho*. Acho que chegou a hora de mudar isso. Mando uma mensagem para Gregory.

Quantas pessoas vc chamou?

Números são só silhuetas refletidas no espaço.

Às vezes, fico me perguntando se está tudo bem dentro da cabeça dele. Não consigo entender como o cérebro do Gregory funciona.

Solto um suspiro e ligo para ele. A ligação está com tanto ruído que não sei se ele realmente foi para a aula ou se está andando por aí com os amigos.

— Quantas pessoas? — pergunto.

— Doze e meia, acho?

Ele ri, e eu estreito os olhos.

— E meia?

— Uma das garotas vai levar a cachorrinha dela.

Isso melhora as coisas. Adoro cachorrinhos.

— Qual o nome da cachorrinha?

— Cookie.

— Beleza.

Gregory me diz mais alguma coisa e desliga. Só então percebo que ele apelou para a cachorrinha para me distrair; tenho

certeza de que o apartamento vai ficar lotado. Mas acho que será uma oportunidade de socializar.

No caminho de volta para a sala de aula, o corredor está cheio de gente. Algumas pessoas me olham curiosas, e outras, com pena. Embora não tenha mais hematomas, ainda estou com pontos que tive que levar do lado esquerdo da mandíbula e perto do olho direito. Baixo o rosto e finjo dar uma olhada no celular.

Cítrico...

Ergo a cabeça ao sentir um perfume cítrico. No mesmo instante, volto àquela noite, ao frio, à dor, àquele sussurro suave no meio de tudo: *Você vai ficar bem.*

Quando me viro, vejo um grupo de alunos passar e se misturar à multidão. Fico parado no meio do corredor, olhando, mas já perdi o grupo de vista.

Chega, Apolo.

Sigo meu caminho, mas minha mente fica presa a ela mais uma vez.

Será que algum dia eu vou te encontrar, Rain?

Apolo Hidalgo está animado para começar uma nova etapa de sua vida: longe de casa, ele finalmente vai realizar o sonho de cursar Psicologia e se aprofundar na complexidade da mente humana. Mas, no primeiro dia de aula, o garoto enfrenta uma situação aterrorizante.

Apolo não é mais o mesmo. O medo se alastra por ele como uma tempestade, e, após o trauma, resta apenas uma esperança: Rain Adams, a garota linda e enigmática que o salvou. Apesar de não saber quem ela é, o jovem não consegue esquecê-la.

Quando finalmente se reencontram, o caçula dos Hidalgo acredita estar diante de uma paixão avassaladora. Por causa de Rain, ele conhece Xan Streva, um barista gentil e muito bonito. Apolo então é atraído por uma força magnética que vai levá-lo a explorar sentimentos e desejos arrebatadores. Mas ele estará disposto a superar seus medos para se entregar a um amor inesperado?

Surpreendente, apaixonante e inesquecível, a conclusão do fenômeno literário *Através da minha janela* é um mergulho sedutor nos segredos da família Hidalgo e nas descobertas irresistíveis de Apolo.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/atraves-da-chuva/>